

**OS MOVIMENTOS QUE DÃO SENTIDO À EXISTÊNCIA À LUZ DOS ENCONTROS:
REVERBERAÇÕES EM REDE DO FÓRUM DE MOBILIZAÇÃO
ANTIMANICOMIAL DO SERTÃO DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO**

*Barbara E.B. Cabral¹
Flávia Helena M.A. Freire²
Grécia Rejane Nonato de Lima³
Lusiane Miranda Palma⁴
Maura Lima⁵
Raquel Miguel Rodrigues⁶
Ray Lima⁷*

RESUMO

O texto-mosaico, de caráter ensaístico, foi artesanalmente montado a partir de retalhos de memória afetiva de participantes do 6ª Fórum de Mobilização Antimanicomial (FMA)/4ª Mostra de Atenção Psicossocial (MAP), ocorrido em 2016, no semiárido nordestino. Fragmentos narrativos foram entretecidos gerando um panorama experiencial a partir dos modos singulares de mergulho das autoras/autor no evento. Pretende-se que sirva de registro do que foi e de alimento para o que virá, pois o que se viveu, sendo revisitado, convoca à continuidade do que foi posto em curso, em criações e inovações compromissadas com a defesa de direitos fundamentais. É, assim, um registro

¹Doutora em Psicologia pela UFES, compõe o corpo docente do Colegiado de Psicologia da Univasf, integrante do Colegiado das Residências Multiprofissionais em Saúde e coordenadora da Residência Multiprofissional de Saúde Mental. – Petrolina, Pernambuco, Brasil. E-mail: barbaraebcabral@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-7941-5633>

² Doutora em saúde pública pela ENSP/FIOCRUZ, Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - UFF (Campus Volta Redonda). – Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: flaviah.freire@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-7195-5179>

³ Mestre em Psicologia pela UNIVASF, especialista em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana pelo Instituto de Psicanálise da Bahia, membro do Núcleo de Mobilização Antimanicomial do Sertão (NUMANS). – Petrolina, Pernambuco, Brasil. E-mail: grecianpsi@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-2822-0430>

⁴ Graduada em Psicologia pela UFBA, especialista em Saúde da Família e em Promoção e Vigilância em Saúde, Ambiente e Trabalho. Preceptora no programa PET-Saúde da Universidade Federal do Vale do São Francisco. – Boa Vista, Pernambuco, Brasil. E-mail: lusipalma@gmail.com. <https://orcid.org/0000-00020590-3159>

⁵ Doutora pela UFRN. Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense-RJ e supervisora clínico-institucional de CAPS. – Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: mauralima@ig.com.br. <https://orcid.org/0000-0002-2086-9243>

⁶ Doutoranda em Bioética pelo PPGBIOS (UFRJ/ENSP/UFF/UERJ), Professora Assistente da graduação de Medicina da UFRJ (Campus Macaé). – Macaé, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: raqmig@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-4593-6633>

⁷ Cenopoeta, educador popular e membro fundador do Movimento Escambo Popular Livre de Rua (1991); Universidade Popular de Arte e Ciência-UPAC (2011); Grupo Pintou Melodia na Poesia (1997) Universo de Aprendizagens Vila de Poetas Mundo (2017) e Universo de Aprendizagens Icapuí Cenopoética. – Icapuí, Ceará, Brasil. E-mail: limafeliz@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-8215-3323>

da militância antimanicomial consolidada no semiárido nordestino, por ação do Núcleo de Mobilização Antimanicomial do Sertão/Numans. O FMA/MAP caminha para a 9ª e 6ª edições, respectivamente, constituindo uma reverberação importante do processo de Reforma Psiquiátrica iniciado no país no final da década de 70, fora do eixo Sudeste-Sul. Ao se ocupar dos desafios e potências da produção de cuidado em saúde mental/atenção psicossocial, necessariamente atravessados pela formação profissional e investimento político nas agendas de gestão municipais e estaduais, vem imprimindo no cenário local uma marca importante na luta por um cuidado digno.

PALAVRAS-CHAVE: *Participação da comunidade, Saúde mental, Formação profissional em saúde, Grupos de encontro, Luta antimanicomial.*

THE MOVEMENTS THAT PROVIDE MEANING TO THE EXHIBITION OF MEETINGS: NETWORK REVERBERATIONS OF THE FORUM OF ANTIMANICOMIAL MOBILIZATION IN THE NORTHEASTERN SEMIARID SÃO FRANCISCO

ABSTRACT

The mosaic-like text, of an essayistic character, was handcrafted from flaps of affective memory of participants of the 6th Forum of Antimanicomial Mobilization (FMA) / 4th Psychosocial Attention Show (MAP), held in 2016, in the northeastern semiarid. Narrative fragments were interwoven, generating an experiential panorama from the authors' unique modes of diving into the event. It pretended to register what happened and become food for what will come, considering that what has been lived, being revisited, calls for its continuity, in creations and innovations, committed to the defense of fundamental rights. It is, thus, a record of the antimanicomial militancy consolidated in the northeastern semiarid, by the acting of the local Antimanicomial Mobilization Collective (Numans). The FMA/MAP goes to the 9th and 6th editions, respectively, constituting an important reverberation of the Psychiatric Reform process that started in Brazil in the late 70's, outside the Southeast-South axis. By addressing the challenges and potencies of the production of mental health /psychosocial care, necessarily crossed by professional qualification and political investment in municipal and state political agendas, FMA/MAP has been imprinting on the local scene an important mark in the struggle for quality mental health care.

KEYWORDS: *Community participation, Mental health, Health human, Resource training, Encounter groups*

*Na margem do São Francisco, nasceu a beleza
E a natureza ela conservou
Jesus abençoou com sua mão divina
Pra não morrer de saudade, vou voltar pra Petrolina*
Jorge de Altinho

*De todo lado é bonito, são dois estados de espírito. No meio eu fico, e não
nego. Navego no Velho Chico*
Geraldo Azevedo

*Procura
no universo há luz suficiente
para te iluminar
na revelação da própria luz
da tua luz em ti
da tua luz em ti*
Ray Lima⁸

DO LUGAR ONDE O ENCONTRO ACONTECE

Nas margens do Rio São Francisco, forte e resistente “Velho Chico”, entre Pernambuco e Bahia, ocorre um evento que, com intensas vibrações antimanicomiais, vem imprimindo no cenário local uma marca importante na agenda das lutas do campo da saúde mental. Em 2016, encontramos para sua sexta edição – o 6º Fórum de Mobilização Antimanicomial do Sertão/3ª Mostra de Atenção Psicossocial (FMA/MAP), em Juazeiro/BA. O FMA/MAP tem se configurado como um ator importante do Movimento de Reforma Psiquiátrica (MRP) nesse pedaço do semiárido nordestino.

Trata-se de evento talhado a muitas mãos, banhado de afetos alegres e muito aconchego pelos que acreditam na construção de uma sociedade sem manicômios. Na imersão dos encontros, fomos, então, compreendendo que o FMA/MAP, promovido pelo Núcleo de Mobilização Antimanicomial do Sertão/*Numans*, configura-se como um desses espaços de luz que podem nos aclarar e/ou reorientar os sentidos de nossas breves existências. Para os que vêm de fora, desde a recepção e hospedagem arranjada em modos diversos, marcados pela solidariedade, passando pelo deparar-se com o rio e sua generosidade sertaneja, até a chegada ao evento-festa, promove-se uma verdadeira celebração da potência dos encontros. Para os que ali moram, a rotineira travessia entre as duas cidades – Juazeiro e Petrolina – ganha novos tons pela imponência

⁸ Em: www.cenopoesiabrasil.blogspot.com/, acessado em abril de 2016.

surpreendentemente renovada do rio e seu reconhecimento pelos visitantes, o que reativa as lentes, por vezes cansadas, dos que o veem cotidianamente.

Os rios são seres interessantes... o Velho Chico é um ser à parte, de riquezas múltiplas, de muita sapiência, poder energético e simbólico. Símbolo das forças de natureza *sertânica*, das resistências e criatividade culturais nordestinas.

Os rios, poetas que não escrevem,
desenham com o pincel da água de
irrigar a terra seca caminhos
para a vida passar.⁹

Estudantes, professores/as, usuários/as, familiares, trabalhadores/as da saúde mental e de outras áreas, militantes antimanicomiais, encontraram-se nos três primeiros dias de junho de 2016, no Complexo Multiventos, da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), situado no campus de Juazeiro-BA, sede do Fórum há cinco edições. A alegria da moçada que “toca” as tarefas do 6º FMA/3ª MAP impressiona: estas não são encaradas como simples tarefas, pelo caráter de obrigação que esse nome costuma carregar, mas como alimentos para o aprendizado. Sua atenção, cuidado e a amorosidade demonstram que agem ética e politicamente, compreendendo cada ação como vital, para eles/elas e toda a gente ali presente, também festiva e interessada em saber, interagir com os saberes que por ali circulam, vivenciando-os, apreendendo-os, sempre na perspectiva de que dias melhores amanhecerão.

O Vale do São Francisco é o *lócus* da Rede Interestadual de Atenção à Saúde do Vale do Médio São Francisco/Rede PEBA, pioneira no Brasil, abrangendo 1,8 milhão de habitantes de 55 municípios de Pernambuco e Bahia¹⁰. Em função disso, os debates do FMA/MAP remetem à realidade das redes de atenção à saúde da região, com interesse particular nas Redes de Atenção Psicossocial/RAPS dos municípios da Rede PEBA e arredores. Trata-se, assim, de evento interessante para se acessar os desafios e potências da produção de cuidado em saúde mental que, necessariamente, são atravessados pela formação profissional em saúde e investimento político nas agendas de gestão dos municípios e Estados envolvidos.

⁹ LIMA, R. In **Os Rios São Poetas**. Edições Vila de Poetas Mundo. Maranguape-CE, 2016.

¹⁰ Em jornalgn.com.br/noticia/regionalizacao-do-sus-a-rede-peba/, acessado em 06 de maio de 2017.

Percebemos, como mote maior do evento, a determinação de fortalecer, expandir e turbinar os modos de cuidar em saúde mental na lógica da Atenção Psicossocial: fazendo a loucura caber na cidade (LOBOSQUE, 1997), valorizando intervenções nos diversos espaços territoriais, exercitando o caráter de “portas abertas” dos Centros de Atenção Psicossocial (os CAPS), superando a hegemonia do saber biomédico e sua terrível faceta da medicalização da vida, ativando todos os dispositivos da rede para o acolhimento de pessoas em situação de sofrimento psíquico etc.

Esse texto-mosaico foi artesanalmente montado a partir de retalhos de memória afetiva de alguns dos participantes do 6ª FMA/3ª MAP. Fragmentos narrativos foram entretecidos, gerando um panorama experiencial a partir dos modos próprios de mergulho das autoras/autor no evento. Cada um(a) produziu um texto inicial utilizado para compor este mosaico, revelador da atmosfera que ali pairava. Que sirva de registro do que foi e de alimento para o que virá... pois o que se viveu, sendo revisitado, convoca à continuidade do que foi posto em curso, em criações e inovações, fundadas no compromisso com a defesa de direitos fundamentais, como o direito à saúde e à própria vida.

DAS ORIGENS DO FÓRUM-ENCONTRO ATÉ O 6º FMA/4ª MAP

Avaliamos que o FMA tem crescido de modo intenso, não apenas em número de participantes, mas especialmente em sua potência formativa, ética e política. Esse evento vem se gestando a partir da garra e ânimo daqueles que defendem e, sobretudo, acreditam ser possível construir formas respeitadas de relação com a diversidade própria da vida, com os múltiplos modos de existir e com a chamada “loucura”, resgatando-se sua pluralidade de configurações (não necessariamente patologizadas ou patologizantes), sempre pautando a defesa da garantia de direitos. Mais do que nunca, em cenário político tão estranho e incerto em nosso país, consolida-se a certeza de que a garantia de direitos não é algo inabalável, sendo possível apenas a partir de luta, vigilância, resistência e muita criatividade.

Em 2009, o coletivo reunido na Disciplina Saúde Mental I, do Curso de Graduação em Psicologia da Univasf, firmou o propósito de promover um ato para marcar o Dia 18 de maio – Dia Nacional da Luta Antimanicomial –, lançando-se em

busca de parcerias com profissionais, gestores e usuários das RAPS de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. Visava discutir a atenção em Saúde Mental na região, estimulando e trazendo à cena muitos interessados na temática: usuários/as de serviços, familiares, profissionais da rede de saúde, estudantes, professores/as e comunidade em geral. Desse modo foi organizada a primeira edição do FMA, com o tema: “Loucura em Movimento”, já numa perspectiva de parcerias interinstitucionais (públicas), com apoio da Univasf.¹¹

De tal iniciativa, decorreu a avaliação de que o turbilhão de debates não poderia se restringir a um único acontecimento, nascendo, assim, o *Numans*. Progressivamente, foi se compondo como um ator a encorpar o movimento social de saúde na região, com o foco na defesa do processo de Reforma Psiquiátrica e de Luta Antimanicomial. O *Numans* vem, desde então, comprometendo-se com a realização do FMA, sendo este um dos seus principais frutos. Há uma atenção ao desprendimento de determinações institucionais e burocráticas, que poderiam vir a limitar possibilidades ou engessar processos, firmando-se com as marcas da autonomia e da resistência. O Núcleo tem grandes desafios para pautar cotidianamente ações vinculadas ao seu propósito, na perspectiva de ganhar organicidade e agir permanente em torno de “objetos concretos”, a exemplo da existência de um sanatório na região que já teve diversas indicações de fechamento por suas características asilares, contando com inúmeras denúncias de maus tratos.

Um dos acontecimentos históricos relacionados à trajetória do *Numans* ocorreu em 2010, quando o coletivo decidiu realizar o II FMA conjuntamente com a I Conferência Interestadual de Saúde Mental do Submédio São Francisco, que contou com a convocação de 16 municípios circunvizinhos da Bahia e de Pernambuco. Consideramos que tal fato evidenciou o poder de articulação desse dispositivo, oportunizando reflexões e construção de propostas a partir da situação regional em relação à atenção em saúde

¹¹ De 2009 para cá, a permanente busca de parcerias para a realização do evento tem sido incorporada, entendendo-se que o FMA/MAP é um evento coletivo, possível apenas mediante essas redes solidárias (institucionais e pessoais). Destacamos alguns dos parceiros/as institucionais: Pró-reitoria de Extensão-PROEX/Univasf, Diretório Acadêmico de Psicologia/Univasf, Programas de Residência Multiprofissional em Saúde (especialmente Saúde da Família e Saúde Mental), Prefeitura Municipal de Petrolina-PE (especialmente as equipes dos CAPS), Prefeitura Municipal de Juazeiro-BA (especialmente as equipes dos CAPS), CRP-02/Subsede Sertão do São Francisco, CRP-03, Ministério da Saúde, Pró-Saúde-PET-Saúde (SEGTES), Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, Gerência de Atenção à Saúde Mental-GASAM/Secretaria de Saúde de Pernambuco, Projeto Redes/FIOCRUZ, Pesquisa da Rede de Avaliação Compartilhada/RAC-PEBA, Fórum Acadêmico de Saúde (FAZ/Univasf), Colegiado de Psicologia e tantos outros.

mental. Elegeu-se uma delegação do sertão para as conferências estaduais da Bahia e de Pernambuco e, depois, para a IV Conferência Nacional de Saúde Mental/Interestadual.

Sempre se renovando e mantendo ritmo de movimento, ora mais ora menos intensamente, o *Numans* se configurou como um movimento de estudantes (especialmente do Curso de Psicologia) e residentes multiprofissionais de saúde (Saúde da Família e, mais recentemente, Saúde Mental e Intensivismo) e professores, em busca de articulações contínuas com gestores(as), trabalhadores(as), usuários(as) e familiares dos serviços de saúde mental. O intuito inicial de que fosse assumido efetivamente pelos usuários da RAPS e seus familiares, ainda não pôde se concretizar, de modo que o protagonismo estudantil e de professores(as) tem se evidenciado, mas sem perder de vista essa articulação com o principal sentido de sua existência: o fortalecimento de protagonismo de usuários(as) das RAPS regionais.

De qualquer modo, o movimento de criação de uma Associação de Usuários e Familiares – a Loucura de Nós – teve uma semente plantada na 6ª edição do FMA, com o apoio da Associação Metamorfose Ambulante/AMEA, na figura de Leide Bonfim, e tem sido apoiado pelo *Numans*. No final do 6º FMA, pudemos observar um grupo de usuários conversando para dar esses primeiros passos. Apostamos na *Loucura de Nós* como uma das vias de fortalecimento do movimento social em saúde, de forma geral, e saúde mental na região, além da perspectiva de inclusão social por projetos de geração de renda.

Como mencionado, a cada edição, um número expressivo de usuários e familiares se faz presente nas atividades do FMA/MAP, não apenas nas apresentações artístico-culturais e exposição de produções dos CAPS. Aos poucos, esses segmentos têm passado a compor o evento de outras formas, fazendo cada vez mais o uso do microfone nos debates promovidos, facilitando rodas narrativas e, de modo especial, promovendo a transmutação das percepções/concepções/compreensões sobre a loucura pelo simples “estar-com” na circulação pelos espaços do evento.

As 3ª, 4ª e 5ª edições do FMA, de 2013 a 2015, contaram com o imprescindível apoio de projetos de extensão, com apoio da Pró-reitoria de Extensão da Univasf. Por essa via, buscava-se apoiar e fortalecer as ações do *Numans*, possibilitando fortalecer o protagonismo do coletivo em favor da efetivação da Reforma Psiquiátrica localmente, focando nas dimensões: sociocultural e político-jurídica, destacadas por Amarante (2003). As ações buscavam reconfigurar relações sociais acerca da loucura, mexendo

com o imaginário social tão marcado pelo estigma, na perspectiva de que transformações nesses níveis repercutissem nos modos de cuidar.

Em 2015, o projeto de extensão acrescentou às suas atividades a cenopoesia (LIMA, 2012), recurso multiartístico que trouxe mais leveza às intervenções realizadas, na discussão das temáticas da Saúde Mental, aproximando, de modo mais potente, usuários(as) e familiares, além dos(as) próprios(as) profissionais. Nas ações desenvolvidas, destacou-se o processo de aprendizagem mútua, uma vez que, ao se assumirem cenopoetas, os participantes estiveram desalojados e ao mesmo tempo convocados a mergulhar na experiência, seja cantando, tocando algum instrumento, recitando...

Goya¹² (BRASIL, 2013) destaca que a cenopoesia tem sua raiz ideológica na libertação, na inclusão social e na produção do conhecimento vivo, por brotar do cotidiano, das questões práticas e, portanto, permitir uma maior valorização dos conhecimentos diversos. Assim, de forma lúdica e muito comprometida, os roteiros cenopoéticos foram se delineando de modo a facilitar a abordagem, o “chegar junto”, favorecendo o aprendizado coletivo, tanto no modo de fazer arte quanto na formação em saúde.

Esse investimento deu o tom ao 6º FMA/3ª MAP: o evento ocorreu atravessado pelo ritmo da alegria, de poesia, da ciranda e de sons, ativando os sentidos e sensibilidades para o debate de temas fundamentais ao aprimoramento das redes de cuidado, emocionando, afetando e desalojando nos dois dias e meio de evento. A presença de Ray Lima, um dos principais articuladores da cenopoesia no país, com suas canções e poesia, transformou o palco do Multieventos em um grande tablado de experimentações, no qual todos(as) que assistiam foram convidados(as) a subir e participar desse momento. O tema central proposto foi: “Reforma Psiquiátrica e Luta Antimanicomial: mobilizar o agir político em defesa dos direitos humanos”.

O 6º FMA/3ª MAP ocorreu em período de intensas mobilizações no campo da Saúde Mental/Atenção Psicossocial no Brasil, como o movimento *Fora Valencius*¹³, além

¹² Neusa Goya é uma das colaboradoras da construção deste documento do Ministério da Saúde.

¹³ Movimento de resistência à nomeação de Valencius Wurch, psiquiatra relacionado a forças conservadoras, para a Coordenação Nacional de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, do Ministério da Saúde, após a exoneração de Roberto Tykanori, no final de 2015, figura ligada ao processo de Reforma Psiquiátrica do Brasil. Significou uma reorganização dos coletivos de Luta Antimanicomial no país,

da repercussão da triste notícia recebida em fevereiro de 2016, do assassinato de Marcus Vinicius Oliveira, professor aposentado da Universidade Federal da Bahia/UFBA, importante militante da Luta Antimanicomial no Brasil. Marcus havia feito a conferência de abertura do 5º FMA, em 2015, provocando todos(as) presentes com ideias de cunho antimanicomial que ressoaram de modo contundente.

Foi definição coletiva fazer o 6º FMA/3ª MAP em homenagem a Marcus. Mais que merecida, tal homenagem aconteceu em todos os espaços do 6º FMA. O “espírito de Marcus” pareceu estar presente em cada atividade – ao menos foi assim que a Comissão Organizadora passou a ler a potência de cada debate e atividade que ocorria, pelo vigor e vivacidade. Essa era uma denominação carinhosa ao espírito de luta e resistência, ao desejo de concretizar e reafirmar que estávamos ali para transformar os modos de cuidado em saúde mental, por acreditar em uma outra lógica de atenção, marcada pela legitimação de formas diversas de existir, pela liberdade, pelo respeito e pela inclusão social, aspectos tão bem defendidos por “Marcus Matraga”. Naquele ano, a Tenda Paulo Freire, no contexto do 6ºFMA/3ªMAP, foi batizada de Tenda Marcus Matraga, situando-se logo na entrada do Complexo Multieventos.

A programação da tenda esteve interligada a todo o evento, abrangendo diversas discussões e práticas de cuidado. Ao final do segundo dia, já tomados pela efervescência das discussões, foi realizado um ato pelas ruas da cidade, uma caminhada, passando pelo Sanatório de Juazeiro/BA (como é conhecida a Clínica Nossa Senhora de Fátima), instituição localizada a poucos metros do local do evento, que nos lembra diariamente a importância de seguirmos reivindicando a reforma psiquiátrica¹⁴. Trata-se de um dos maiores símbolos materiais da necessidade de avanço do processo de Reforma Psiquiátrica na região. A caminhada foi instigada por uma das provocações de Marcus em

temerosos dos retrocessos na Política Nacional de Saúde Mental. A exoneração ocorreu em 06 de maio de 2016 (Portaria 916), sendo entendida como uma vitória do movimento social em saúde. (Em: www.abrasco.org.br/site/noticias/movimentos-sociais/a-saida-de-valencius-e-uma-importante-conquista-dos-movimentos-sociais/17707/, acessado em 06.05.2017).

¹⁴ Cabe indicar que o Sanatório passou a não mais receber recurso financeiro público da Secretaria Municipal de Saúde de Juazeiro-BA em 2018, em função de irregularidades documentais, o que foi considerada uma conquista pelo Numans. Fonte: <http://pretonobranco.org/2019/08/08/sesau-esclarece-relacao-com-a-situacao-que-se-encontra-o-hospital-psiquiatrico-sanatorio-clinica-nossa-senhora-de-fatima-em-juazeiro/>

anos anteriores, ao falar sobre Luta Antimanicomial: ele defendia a necessidade de refletir, porém, mais que tudo, trabalhar com foco em “objetos concretos”.

Pelo caminho das experimentações e afecções com o 6ºFMA/3ªMAP, seguimos em marcha pelas ruas de Juazeiro-BA, neste ato de militância antimanicomial. Cartazes, faixas e palavras de ordem propagadas em coro pelas ruas da cidade nos colocavam em um exercício de luta e resistência a formas retrógradas de atenção em saúde mental e clamavam pelas condições necessárias de sustentação de uma política de saúde antimanicomial, cujo pressuposto axial é o cuidado em liberdade. Em frente ao sanatório, formamos um corpo único, companheiros e companheiras antimanicomiais, vivenciando um dos momentos mais fortes e intensos do evento. Uma tentativa de diálogo entre Leide Bonfim¹⁵ e uma profissional do sanatório nos colocou na rua, parados(as) em frente ao hospício, por alguns minutos. Foi forte a fala de Leide, apropriada: ela já havia passado por experiências de internação em hospital psiquiátrico. Foi um encontro em que o corpo sensível, de luta e resistência, produziu ondas de vibrações em um forte desejo de desinstitucionalizar os(as) usuários(as) que se encontravam dentro daquele hospício, como também impulsionar um reposicionamento dos(as) trabalhadores(as) com vistas à ruptura do paradigma asilar. Saímos dali impactados, porém fortes, acreditando na luta, esperando mais um dia de evento. Seguimos em marcha e finalizamos o ato em frente à Secretaria de Saúde de Juazeiro, onde foi lida a Carta Manifesto – Ato em Defesa da Reforma Psiquiátrica, redigida pelos integrantes do *Numans*. Celebramos o encontro em uma ciranda.

Como nos anos anteriores, a programação do 6º FMA/3ª MAP teve o compromisso de instigar o comprometimento social, de caráter ético-político, em todas as atividades, tanto nos espaços mais amplos de ágoras¹⁶, como nas rodas narrativas (que versam sobre uma dada temática de interesse comum), nas rodas de conversas voltadas às apresentações de trabalhos (que compõem a Mostra de Atenção Psicossocial articulada ao

¹⁵ Militante antimanicomial da Associação Metamorfose Ambulante/AMEA, de Salvador-BA, uma das convidadas do 6ºFMA/3ªMAP.

¹⁶ Temos utilizado esse termo para dar o tom aos debates que ocorrem no grande auditório do Complexo Multieventos, pelo intuito de escapar ao modelo “conferência” ou “palestra”, buscando-se estimular o debate, em caráter democrático, como em praça pública, com inspiração na democracia grega. A rigor, a composição do evento busca pôr em questão ou quebrar padrões hegemônicos na relação produção de saber acadêmico-saber popular, buscando diálogos e aproximações.

FMA), nas oficinas e em cada intervenção artística. A alegria de estar junto e saber que não se está sozinho na luta se revelou durante o evento.

Foi possível contar com presenças muito caras nesse processo, como Antônio Nery, na Ágora Inaugural, que discutiu o tema: “Por que os humanos usam drogas? ”. Outro destaque foi a Ágora Nise da Silveira, sobre o tema: “Entre a Saúde e a Educação: que caminhos são possíveis para a tessitura de cidadania pela arte?”, valorizando a articulação entre arte e saúde mental, que teve a participação de Ray Lima, Thom Galiano (professor de teatro) e Milton Freire¹⁷ (emblemático militante da Luta Antimanicomial, carioca). Para finalizar, Ana Marta Lobosque (psiquiatra e militante da Luta antimanicomial em Minas Gerais), Ingrid Farias (militante da luta antiproibicionista no campo da atenção a pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas, feminista, de Recife) e Leide Bonfim instigaram o debate, norteadas pela temática: “Reforma Psiquiátrica e Luta Antimanicomial: mobilizar o agir político em defesa dos direitos humanos”. Nem a imprevista falta de energia no prédio (e na cidade inteira) no momento dessa ágora fez com que as pessoas saíssem do auditório principal e o debate se aqueceu.

A cada intervalo, tivemos atrações artísticas locais que transformavam o *hall* do Multieventos em uma festa, revelando-nos a potência da arte como instrumento de integração social e cuidado. A cada roda, tivemos a colaboração de militantes e pesquisadores(as) que trouxeram ao 6ºFMA/3ªMAP discussões conectadas à perspectiva de empoderamento, como representantes do movimento negro e movimentos de mulheres. Partilhar cada pedacinho dessa construção e o contato com o talento, a criatividade e as reflexões provocativas de cada convidado(a) conferiram ao fórum a leveza e o compromisso necessários para seguirmos firmes na militância cotidiana – nem sempre fácil de sustentar.

Em um misto de alegria pelo encontro, angústia pelos entraves das redes de atenção e fortalecimento de esperanças de que as coisas podem se transformar, o 6ºFMA/3ªMAP parece ter sido aguardado pelos(as) atores/atrizes envolvidos com a produção de cuidado da região como um momento de “tomar fôlego” para seguir na

¹⁷ Em plena revisão desse texto, deparamo-nos com uma notícia triste: o falecimento de Milton Freire, na cidade do Rio de Janeiro, em 20 de novembro de 2019, no Dia Nacional de Consciência Negra – um dia de combate ao racismo e muito significativo para a luta pelos Direitos Humanos, grande causa abraçada pelo jornalista e militante antimanicomial. Nos últimos anos, vinha trabalhando com suporte de pares da Rede de Saúde Mental do município e facilitava grupos de ajuda mútua.

caminhada, em defesa do bem-comum, que é o sentido originário e mais caro de “público”. Trata-se de um evento que realça e promove o caráter experiencial, convocando todos(as) a serem mais que espectadores nesse processo.

Os debates ocorridos nos deixam clara a compreensão de que não há como se esquivar – somos todos/as convocados/as para o agir político (ARENDR, 2001) –, assumindo nossa condição no mundo, de estar entre outros. Essa convocação se dá especialmente pelo contato com os/as usuários/as, que estão ali a nos indicar a necessidade de mover concepções em torno da relação cuidador-cuidado: que protagonismo desses/as usuários/as estamos dispostos/as a reconhecer, valorizar e expandir no contexto das práticas cotidianas de cuidado? Essa convocação precisa ecoar durante os demais dias do ano, permeando os fazeres/dizeres/saberes, a fim de que se descortinem possibilidades mais inventivas diante de tantas incertezas e negligências no campo da Saúde Mental e das políticas públicas, de modo mais amplo.

DOS EFEITOS DA PARTICIPAÇÃO NO EVENTO

Como indicado, um diferencial do FMA/MAP é a presença e participação dos(as) usuários(as) em todos os espaços: nas ágoras, nas rodas narrativas, nas oficinas, nas apresentações artísticas, mediando apresentações de trabalhos, enfim, em todas as atividades. Participam como querem, como podem. Circulam. Assim, vivenciamos a prova de que o aprendizado tem muito mais sabor – sentido originário de saber – se empreendidos com todas e todos, para todas e todos, em um exercício de inclusão, em que a pauta é a valorização da experiência de encontrar o(a) outro(a), como ele/ela é.

A presença de Milton Freire e Leide Bonfim seguramente nos marcaram, tamanha a sabedoria que se expressava em suas narrativas contundentes, emanadas de lugares de fala autênticos, porque imbricados na experiência de cada um como usuários das RAPS. É fundamental ouvir e legitimar a narrativa de usuários(as) – e compreendemos ser fundamentalmente disso que trata a Luta Antimanicomial. Em todos os momentos, tudo aquilo que se vinha discutindo era trazido pelos dois, em seus relatos de vidas, nas batalhas pessoais que travaram para fazer a própria vida andar, de modo qualitativamente outro, diferente das normatizações hegemônicas.

Ouvi-los reacendeu em nós a necessidade de seguir adiante na luta por outros modos de cuidado e pela manutenção do que já conseguimos conquistar de transformação. Compreendemos que essa militância tem caráter vivo – com gosto de vida – devendo ir além de mera defesa ideológica, utópica, termos às vezes usados para desvalorizar o movimento antimanicomial, sem uma consideração mais genuína da potência dos termos “ideologia” e “utopia”. Os fragmentos narrativos abaixo podem revelar a magnitude dessa reflexão, pela conexão com as repercussões de duas das rodas narrativas em duas das autoras deste texto:

Em meio a uma cartografia dos afetos que se inundavam entre as duas cidades, ou melhor, entre os dois estados, na região do PEBA (Pernambuco-Bahia), pudemos experimentar o protagonismo dos usuários no encontro que tivemos na roda narrativa: “Caiu na Rede é Peixe? Encontros e Desencontros na Rede de Atenção Psicossocial”. Preparada para uma fala estruturada, quase em formato de palestra, fui pega de surpresa ao entrar numa sala com presença maciça dos usuários do sertão do submédio do São Francisco. Eu e minhas companheiras da roda narrativa, Raquel Rodrigues e Emmanuela Amorim, esboçamos um início de conversa, com Raquel disparando as primeiras reflexões oriundas da pesquisa RAC (Rede de Avaliação Compartilhada) que se constituía enquanto pesquisa-interferência com uma rede de atenção psicossocial interestadual. Claro que nossa pretensa organização anterior foi logo desconstruída pelas intervenções e grande participação dos usuários em conexão com nossas falas. Rapidamente percebi que teria que abandonar minha preparação a priori e seguir o fluxo que aquela sala me agenciava. Afinal, em um ato de cartografar, me vi convocada a inventar pontes de linguagem com os usuários em um movimento de instigação do protagonismo do usuário e produção de autonomia, fazendo valer a insígnia da pesquisa ‘Avalia quem pede, quem faz e quem usa’. E ali estavam os usuários, disparando em ato, naquela micropolítica do encontro, um rico arsenal de elementos analisadores do funcionamento da rede de atenção psicossocial da região PEBA. A roda narrativa começou a funcionar como um dispositivo de avaliação da RAPS a partir da vivência dos usuários, na perspectiva de que ‘avalia quem usa’.

De início me remeti ao tema que intitulava nossa roda e lhes dirigi a pergunta que abria nossa proposta de conversa: “Caiu na Rede é Peixe?”. Perguntei aos que ali estavam em busca de potencializar o espaço de interlocução e diálogo. Em resposta e amplo debate, surgiram nas falas as várias espécies de animais aquáticos que são capturados pela rede do pescador. Para além de peixe, outros animais e vegetais são pescados, a exemplo do siri, camarão, lula, algas e várias espécies de peixes. Assim, iniciamos um debate sobre o tema da diferença... E a rede do pescador colocada em conversa, em analogia com a RAPS. A diferença que habita em cada um no seu caminhar pela rede, em um movimento de usuário-nômade (usuário-guia), como também, a diferença que existe entre a multiplicidade de redes de atenção psicossocial e sua produção do cuidado na saúde mental, passou a ser o mote da conversa na relação com o uso dos dispositivos da rede. A RAPS não se reduz a um somatório de pontos de atenção implantados, mas de fato só existe na dependência de pessoas (de pontos de atenção diversos), que se conectam e se coordenam com uma finalidade comum (ASSIS et al, 2014). De repente,

naquele momento do encontro, reportei às minhas vivências enquanto trabalhadora de CAPS, quando participava da assembleia geral com os usuários do serviço. Uma roda narrativa no 6º FMA em que o protagonismo dos usuários, em um exercício de produção de cidadania, me sinalizou naquele segundo dia do evento, que de fato, o espaço-fórum guardava um compromisso ético-político com uma aposta na produção de novos mundos e de coexistência com a loucura.

Flávia Freire

Ligadas por uma ponte, por debaixo da qual passa a forte correnteza do Velho Chico, estas duas cidades assistem, interagem, intervêm e ecoam batucadas antimanicomiais nos dias do Fórum. Com a tarefa de compartilhar minhas experimentações neste Fórum, falo do lugar de quem experimentou esta interação e senti os ecos da batucada, por dois anos seguidos (2015/2016). Anos importantes e singulares que estava vivenciando. Tenho uma relação de afeto por Petrolina, onde desfrutei do prazer de fazer nascer minha Tese de Doutorado (...). Produzindo uma Tese sobre a Atenção à Crise na Atenção Psicossocial, fui convidada a estar com participantes do Fórum em uma Roda de Conversa para abordar a temática, sendo mais especialmente desta experiência que faço seguir este escrito.

Deu-se algo inusitado. Fora preparada para falar da temática da crise, da perspectiva de alguém que pesquisava o assunto. Ainda que a pesquisa tenha se forjado em laço com o campo, um Centro de Atenção Psicossocial do Recife, preparei-me para uma conversa com nuances acadêmico e militante, talvez entre pares. Acontece que, compondo esta roda, estavam presentes em grande maioria, usuários de um CAPS da região do São Francisco, o que me convocou, necessariamente, a desmontar o que então havia estruturado como fala disparadora da Roda. Devo confessar que, quase que literalmente, tive que rodopiar para conseguir tal feito, deslocando posições, transmutando vocabulários, ligando saberes e modificando minha gramática existencial ali, em ato.

Tateando para me reposicionar, de modo que pudesse acessar os usuários através da temática de modo mais corpóreo, recordo-me bem que o saudoso Marcus Vinícius, naquele ano presente no Fórum, sussurrava baixinho: 'Maura, a atenção à crise!', tentando, talvez, me ajudar a não perder o foco, naquele movimento equilibrista. Isto porque, de modo muito curioso, os usuários tentavam modular o debate para poder falar de suas demandas em relação ao serviço que frequentavam, tal como em um espaço de assembleia. Não sem razão, já que outra parte dos participantes era, também, parte da equipe técnica do serviço que frequentavam. E eu? Ora, precisei ceder o espaço da Roda também para isto, derivando-me em mediadora de uma assembleia.

Mas e a crise? Em pensamento me perguntava. Ao que – desapegando-me do meu lugar inicial mais acadêmico e, de certo modo, sendo levada pela correnteza do debate a um lugar, quiçá, de analista institucional – pôde ser abordada, ao perceber que ali se falava e experienciava crise e seus efeitos: a crise dos lugares e saberes cristalizados, a crise institucional, a crise dos serviços, a crise dos trabalhadores, crise do SUS, a crise das políticas de bem estar social. Crise! Menos se falava de crises individuais ou medicalizadas e mais acerca de crises psicossociais, institucionais, políticas.

Poder perceber essa virada no debate colocou à mostra o lado submerso do iceberg CRISE. Os usuários pareciam interessados em mergulhar e, com força, revirá-lo. E assim, com mais ou menos resistência, fizeram-no, trazendo mais vigor ao debate, propiciando embates sutis, desnudes, denúncias, próprios da complexidade da temática. Dobraram o rumo do debate e desdobraram a experiência crise, decompondo-a em suas muitas faces e

condicionantes. E há quem ainda insista em crer que usuário de saúde mental não pode protagonizar sua vida. Que insanidade!?”

Maura Lima

Os agenciamentos que o FMA/MAP tem produzido e o encaminhamento em direção às suas próximas edições¹⁸ revelam a importância de um movimento cuja relevância social tem crescido cada vez mais pelo semiárido nordestino. Essa força militante, impulsionada por coletivos ligados à Univasf, tem ampliado a ponte de conexão entre as duas cidades (e as outras tantas nos arredores), entre afetos e militância, entre instituições de ensino, entre redes de saúde, entre sujeitos-atores-políticos, propositores e confiantes na construção de um mundo melhor, mais solidário e comprometido com a defesa da vida. Que a potência de vida, produzida por este encontro-fórum, seja cada vez mais transbordante, como na cheia do Velho Chico, é o desejo que se ativa em nós.

No FMA/MAP, os acontecimentos mostram as suas faces: uma face corporal e outra eterna, como destaca Ulpiano (2013). Compreendemos, com isso, que se abrir ao acontecimento pode gerar fissuras, rupturas da realidade, que podem nos impulsionar para outros devires. Devires que nos levem para além de uma vida ordinária, como indica o mesmo autor. Ação coletiva capaz de nos deslocar, de nos deixar sem chão, de fazer chorar e sorrir, experimentando a variação dos afetos, em uma espécie de violência que a obra exerce para sair de um estado de torpor.

Queremos nos referir à produção de jeitos, de formas de fazer uso das dores e dos dissabores, a exemplo de experiências duras de internações prolongadas em manicômios. Sentimos desejo de fazer a vida girar, de abrir o combate às próprias forças que nos constituem. O movimento é o de sair da queixa do momento político desfavorável, da dureza das instituições, das reformas inacabadas, das vidas diminuídas¹⁹. O FMA/MAP

¹⁸ Esse texto é submetido a publicação quando já se prepara o 9º FMA/5ºMAP, a ocorrer nos dias 27, 28 e 29 de maio de 2020, no Complexo Multieventos da Univasf, campus de Juazeiro-BA. Desde a oitava edição, em 2018, a decisão foi fazê-lo acontecer a cada dois anos, de modo a investir mais fortemente na militância antimanicomial em nível micropolítico no interstício.

¹⁹ Importante destacar que em 2016 vivíamos um cenário político delicado no país, que culminou no impeachment da presidente Dilma Roussef, por motivo que se tornou legal praticamente no dia seguinte à decisão. O cenário político atual, em 2019, é ainda mais desolador, pelos retrocessos nas políticas públicas e desmonte de direitos garantidos constitucionalmente. A Política Nacional de Saúde Mental, construída no contexto da Reforma Psiquiátrica, inclusive, vem sofrendo duros golpes, em que se busca retomar princípios manicomiais no cuidado. Assim, a militância antimanicomial segue atenta e precisa se mostrar cada vez mais atuante.

quer provocar o debate em cada um sobre o que estamos fazendo com tudo isso, pois cada um desses acontecimentos nos implica.

O FMA/MAP convoca ao reposicionamento. Deslocamentos podem ser produzidos em cada atividade, porque não falamos “deles(as)”, estamos com “eles/elas” – usuários(as) e seus familiares –, que se articulam e dialogam com trabalhadores(as), professores(as), estudantes, pesquisadores(as). O espaço é de comunicação, de reflexão, de aproximação. O caráter antimanicomial não está em negociação, mas a disponibilidade de travar diálogos é um exercício assumido a cada hora do evento.

Não se trata de um evento de caráter acadêmico nos sentidos tradicionais que esse adjetivo costuma assumir, ligado ao tecnicismo e à produção inequívoca de um saber científico tido como dogmaticamente verdadeiro. Mas possivelmente essa perspectiva de conexão com a vida “real”, essa aproximação academia-redes de cuidado devesse ser o sentido acadêmico mais próprio. Precisamos de profissionais formados para a vida, para lidar com “redes vivas”, para lidar com usuários(as) “vivos(as)” (cujas existências desmontam classificações diagnósticas, prognósticos e prescrições); precisamos de pesquisa que sirva à vida, que se ocupe das questões problemáticas do cotidiano das redes de cuidado; precisamos de “acadêmicos” que consigam conversar com os atores/atrizes das redes de produção de cuidado, para aprender e ensinar juntos(as).

Comprendemos, pelo vivido no contexto do FMA/MAP, que a imersão nos debates promovidos pode transformar completamente a forma como estudantes e residentes de saúde, além de trabalhadores(as) das redes, vivenciam seus processos formativos, pela relação com profissionais de vários setores públicos, gestores, sociedade civil organizada (ou não) e, sobretudo, com os(as) usuários(as) dos serviços de saúde mental – apostando-se que todos estão em formação/transformação. Constituem-se, assim, em cada atividade do FMA/MAP, salas de aula expandidas.

Abaixo seguem fragmentos narrativos de quem compôs esse texto que ilustram essa perspectiva de aprendizagem mútua e solidária:

São nestes movimentos de busca que nos reinventamos, nós e o mundo, o mundo em nós, enquanto microuniversos que somos, sempre na relação com o outro, mesmo quando achamos que estamos sozinhos, quando o outro é o que estamos buscando em nós. Confesso que, ao vivê-los, volto sempre desses encontros com a certeza de que posso avançar sobre mim mesmo, sendo mais-melhor.

O Fórum funcionou como um dispositivo para as narrativas de saberes muitas vezes negligenciados por nós, trabalhadores de saúde. Lá pude ouvir experiências de como escapar de existir no absurdo. Participei, até o momento, de duas edições, em 2015 e 2016. Espero que sempre possa estar presente nos próximos”.

Raquel Rodrigues

(...) dá para sentir que os caminhos que o FMA e o Numans vêm tomando, apesar da aridez do atual momento político nacional, são promissores, pois dão a certeza de que não se está sozinho, há sempre um trabalho dinâmico e coletivo mantendo o sentido ético e político desse fazer.

Grécia Lima

O FMA está caminhando para sua sétima edição, mas a minha história com ele teve início em 2015, no 5º FMA. Nesse período eu havia acabado de ingressar na Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Federal do Vale do São Francisco, e era uma nova moradora da região. Todas as particularidades das redes de atenção à saúde eram novidades para mim. Chegar no Vale e compor a organização do FMA mudou completamente a forma como provavelmente eu teria vivenciado toda essa experiência de ser residente, de estar nesse pedaço interestadual do sertão, de estar atuando no SUS... (...) A grata surpresa de encontrar o Numans e participar do FMA retomou em mim algo da militância antimanicomial que tinha ficado nos tempos da graduação. Mas o FMA tem um impacto na minha vida que vai além da militante, transformou meu modo de cuidar, minha prática profissional, me apresentou novas possibilidades de intervenção e um modo de inclusão onde aprendo mais com quem de mim espera o cuidado. Relatar o 6º FMA para mim é propagandista, não sei expressar a emoção que me tomou fazer parte disso sem dispor de chavões e elogios, dada a gratidão que tenho em fazer parte disso. Uma lição de trabalho em equipe, de partilha, de possibilidades, inclusão e educação.

Lusiane Palma Miranda

Surpreendo-me com a força de produção coletiva revelada a cada novo FMA/MAP concretizado. Partindo da inexistência de recursos financeiros e potencializando a que talvez seja a destinação mais nobre de uma universidade pública – contribuir para a transformação social, na direção democrática e de ampliação de redes intersetoriais de apoio – temos tido êxito na ativação de redes de solidariedade e do compromisso social de instituições que devem atuar para o fortalecimento de políticas sociais, a exemplo das prefeituras municipais e suas secretarias de saúde. O FMA/MAP é sobretudo para usuários/familiares das RAPS, constituindo-se como um cenário em que possam se reconhecer como protagonistas de processos de cuidado, mas também é dispositivo formativo para estudantes, profissionais, gestores. Quando o Numans se constituiu, decidindo assumir o FMA/MAP com um de seus principais frutos, não sabia exatamente onde se chegaria... De qualquer sorte, o desafio maior é tomar as afetações e aprendizados que dali brotam para a militância cotidiana, nos níveis micro e macropolíticos, em defesa de uma política de saúde mental que se materialize em práticas de cuidado em defesa dos modos diversos de viver, em liberdade, garantindo-lhes qualidade e legitimidade, com acesso aos recursos necessários para este fim. É disso que se trata defender o bem-comum.

Barbara Cabral

DAS SUCINTAS CONSIDERAÇÕES QUE ENCERRAM ESTE TEXTO-MOSAICO TECIDO POR MEMÓRIAS-AFETAÇÕES

O desafio da tessitura de redes remete, inexoravelmente, à valorização de encontros – e desencontros – via exercício comunicativo, instância primordial em que se pode produzir a matéria-prima para a vitalidade das articulações feitas: se são tidas como *vivas* é porque as redes precisam se alimentar da produção permanente de cuidado, pautada em reflexões e abertura de outros caminhos, em puro movimento, como o trânsito na vida. Inspirando-nos em Merhy (2014), destacamos, assim, a noção de redes vivas, compreendida como “modo de produção das conexões existenciais de indivíduos e coletivos, em diferentes contextos de grupalidade e modos de viver, socialmente” (MERHY et al. 2014, p.153).

Podemos seguir essa reflexão, ainda metaforicamente, afirmando que o *Numans*, gestado em ambiente acadêmico, porém, desde a gênese, mirando a inserção visceral e o compromisso social da universidade nas cidades em que se (im)plantou, idealizou o FMA como um *atelier* de potentes costuras de redes de cuidado. Esse texto é revisado e submetido à publicação quando se ruma à 9ª edição em 2019, aliançado com a Mostra de Atenção Psicossocial, em sua 6ª edição, em 2020. Sustentar sua exposição decorre de um compromisso e valorização da memória e da história – em seu processo não-linear.

O evento – acontecimento já esperado na região – se instituiu e consolidou como um dispositivo voltado ao aprimoramento de articulações intersetoriais: desde o tempo em que é planejado, promovem-se debates, aprendizados, ensino ou, fundamentalmente, experimentam-se encontros. Nesses encontros – nós, intercessores(as) (DELEUZE, 2010) uns dos outros – temos a oportunidade de transformarmo-nos em outros de nós. Nós, interligados(as), firmes, com o propósito de contribuir, pela potência do pensar e do sentir, mas sobretudo, pela miraculosa capacidade de agir – sentido nobre da política – como indicado por Hannah Arendt (2001), implicados(as) com a construção de um mundo onde se possa (con)viver de modos mais respeitosos e em que as diversas vozes caibam – contanto que aliançadas com o reconhecimento da alteridade como algo legítimo.

Cada FMA, pelo que promove nessa direção, segue reverberando nos/nas participantes, até que o próximo chegue. E o que fazemos dessas reverberações se conecta ao nosso fazer cotidiano – que cada vez mais intensamente exige de nós atenção, reflexão e firmeza de propósitos. Seguimos lutando por uma sociedade sem manicômios e, fundamentalmente, sem “desejos de manicômios” (MACHADO; LAVRADOR, 2001).

Assim, a participação no FMA nos causa a sensação de que o tempo está como é para ser: a metamorfosear-se infinitamente em muitos outros, mesmos reconfigurados, nem sempre melhorados, mas outros. Para isso servem também os encontros. Pelas relações que neles se tecem, seguimos o aprendizado – permanente – de ser diferentemente outros e outras, enriquecidos(as) e enriquecedores. A grande intenção é que possamos, em nosso agir ético-político cotidiano, ser um pouco como plantas com sombra, em nossas teias relacionais.

Quando nos sentimos feito plantas sombreadas, colocamo-nos em movimento, saímos diariamente de um lugar a outro, pessoa a pessoa, deslocando-nos entre atos, nos entre-lugares que somos, a conectarmo-nos em busca de luz. Esse movimento também se dá individual e mentalmente, quando desenvolvemos condições meditativas que podem nos levar a grandes percursos interiores, ser adentro, ao encontro da luz escondida em nós – uma luz que é compreendida como ato, a partir da abertura ao encontrar-se. Sim, um paradoxo!

Aqui encerramos estas breves reflexões buriladas a partir da vivência do 6º Fórum de Mobilização Antimanicomial/3ª Mostra de Atenção Psicossocial, na expectativa de que esse evento continue a seguir a direção que buscou desbravar desde sua primeira edição em 2009: um lugar de construção de outros possíveis nas relações da sociedade com a loucura.

Recorremos, assim, às palavras de Reginaldo Figueiredo, poeta do *Universo de Aprendizagens Vila de Poetas Mundo*:

“Com palavras simples
um projeto curto e abundante
despretensão, a ousadia
quem se envolve sente.

O objetivo geral
é afetar o específico;

somos o orçamento,
resultado é o círculo.

Dentro e fora
estamos juntos;
sem início, sem fim
somos um, sendo muitos.”
Reginaldo Figueiredo

Sobre o artigo:
Recebido: 27/11/2019
Aceito: 30/04/2020

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, P. A (clínica) e a Reforma Psiquiátrica. In: SCLIAR, M. et al., AMARANTE, P. (coord.) **Archivos de saúde mental e atenção psicossocial**. Eng. Paulo de Frontin, RJ: Nau, 2003, p.45-65.
- ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- ASSIS, J.T. et al. Política de saúde mental no novo contexto do Sistema Único de Saúde: regiões e redes. **Revista Divulgação em Saúde para Debate**. Rio de Janeiro, n. 52, Out 2014, p. 88-113.
- BRASIL, 2013. **De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz**. Roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília; Ministério da Saúde; fev. 2013. 252 p.
- DELEUZE, G. Os intercessores. In: DELEUZE, G. **Conversações**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 155-172.
- LIMA, R. **Pelas ordens do rei que pede socorro: um roteiro** – manifesto da cenopoesia. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012.
- LOBOSQUE, A. M. **Princípios para uma clínica antimanicomial e outros escritos**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- MACHADO, L. D.; LAVRADOR, M. C. C. . Loucura e subjetividade. In: MACHADO, L. D.; LAVRADOR, M. C. C.; BARROS, M. E. B. de (orgs.). **Texturas da psicologia: subjetividade e política no contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 45-58.
- MEHRY, E. E.; GOMES, M. P. C.; SILVA, E.; SANTOS, M. F. L.; CRUZ, K. T.; FRANCO, T. B. Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde. **Divulgação em saúde para debate**. Rio de Janeiro, n. 52,out 2014, p. 153-164.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**. Sulina Editora da UFRGS: Porto Alegre, 2007.
- ULPIANO, C. **Gilles Deleuze: A Grande Aventura do Pensamento**. Macaé – Rio de Janeiro: Funemac Livros, Centro de Estudos Cláudio Ulpiano, 2013, 277 páginas.